**aRTIGO**

A HISTÓRIA DO DIABETES

Drauzio Varella

Em 1500 antes de Cristo, médicos egípcios descreveram casos de pessoas que urinavam muito e emagreciam até a morte.

Aretaeus, médico que viveu na Grécia entre os anos 80 d.C. e 138 d.C., criou o termo [**diabetes mellitus**](https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/diabetes-2/)para fazer referência ao gosto adocicado da urina desses pacientes.

Foi apenas em 1776 que Matthew Dobson desenvolveu um método para determinar a concentração de glicose na urina, livrando os médicos do dissabor de prová-la.

A doença, entretanto, só foi reconhecida como entidade clínica em 1812, ano da publicação do primeiro número do *The New England Journal of Medicine*, a revista médica mais lida pelos médicos de hoje.

Nesse tempo, a fisiopatologia e a prevalência do diabetes na população eram desconhecidos. Como não existia tratamento específico, em semanas ou poucos meses depois do diagnóstico todos morriam.

No ano da proclamação da República no Brasil, 1889, os alemães Oskar Minkowski e Joseph von Mering verificaram que a retirada do [**pâncreas**](https://drauziovarella.com.br/corpo-humano/pancreas/)de cachorros levava-os ao óbito por diabetes. Ficava demonstrado que a origem da doença estava ligada ao pâncreas.

Em 1910, Edward Sharpey-Schafer levantou a hipótese de que o diabetes seria causado pela deficiência de uma única substância química, produzida no pâncreas pelas células das ilhotas de Langerhans. Por essa razão, ele a batizou com o nome de insulina, derivado da palavra latina *insula* (ilha).

Finalmente, em 1921, logo depois da Primeira Guerra Mundial e da epidemia de gripe espanhola, Frederick Banting e Charles Best publicaram a prova definitiva. Injetaram em cachorros diabéticos, extratos de células das ilhotas de Langerhans retiradas do pâncreas de cachorros saudáveis, revertendo o quadro de diabetes.

Trabalhando com pâncreas bovino, em conjunto com John Mcleod, eles em seguida purificaram a insulina, e foram os primeiros a tratar com sucesso um portador da doença.

A partir desse caso, o uso de insulina se disseminou pelos cinco continentes. Crianças com[**diabetes do tipo 1**](https://drauziovarella.com.br/videos-3/videos/diabetes-tipo-1/)(no qual o pâncreas para de produzir insulina), que iam a óbito logo depois do diagnóstico, puderam voltar à vida normal.

Essa talvez tenha sido a primeira demonstração de que a pesquisa básica poderia ser aplicada rapidamente em benefício da humanidade. O interesse despertado por ela provocou uma avalanche de estudos com a molécula de insulina, que proporcionaram a seus autores dez prêmios Nobel e revolucionaram o estudo das proteínas e hormônios.

Em 1977, Ullrich e colaboradores descreveram na revista *Science* um método para inserir o gene da insulina humana em bactérias-escravas, com o objetivo de obrigá-las a produzi-la em escala industrial. Essa técnica, que recebeu o nome de DNA recombinante, criou as bases da biotecnologia industrial.

A síntese de diversos medicamentos usados por via oral tornou o tratamento mais cômodo para muitos portadores de diabetes que não necessitam de aplicações de insulina. Seringas descartáveis e agulhas mais delicadas diminuíram o desconforto e as dores no local das injeções.

Em 2012, dois grupos publicaram estudos mostrando que a[**cirurgia bariátrica**](https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/cirurgia-plastica-da-obesidade-grau-3/), para reduzir a massa corpórea em pacientes com excesso de peso, é mais eficaz no controle da glicemia do que o uso de medicamentos. Em muitos casos, as remissões são tão prolongadas que provavelmente representam a cura da doença, conclusão surpreendente para uma enfermidade tradicionalmente considerada incurável.

Infelizmente, esses avanços no tratamento não refletem a realidade da saúde pública. Vivemos uma epidemia mundial de diabetes que se propaga de forma avassaladora, seguindo os passos da obesidade e da vida sedentária.

Só no Brasil há 12 milhões de pacientes. Se esse número é assustador, mais ainda são as previsões: se continuarmos preguiçosos e engordando como os americanos, em 2050, cerca de 30% dos adultos sofrerão de diabetes. Acima dos 65 anos, a proporção chegará a 50%.

 https://drauziovarella.com.br/drauzio/artigos/a-historia-do-diabetes/

Publicado em 05/11/2012.

Revisado em 19/04/2017.